

Curso de Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação na modalidade à distância



O USO DO COMPUTADOR COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

Autora: Gessilda Cavalheiro Müller
Orientadora: Silvana Corbellini

RESUMO

Nesta pesquisa foi desenvolvida uma intervenção psicopedagógica utilizando as Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs como instrumento principal com um aluno do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre-RS. O aluno apresentava queixa de dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Foi realizado um estudo de caso como estratégia de pesquisa e os dados foram analisados qualitativamente. Os resultados da intervenção foram consistentes, o aluno apresentou avanços em relação à aprendizagem da leitura e da escrita. Os dados mostraram que o uso das TICs foi fundamental para o avanço alcançado, pois despertou o interesse e a motivação do aluno para a aprendizagem.

Palavras-chaves: Aprendizagem; Intervenção psicopedagógica; Tecnologias.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar o desenvolvimento de uma intervenção psicopedagógica, desenvolvida com um aluno do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre-RS no ano de 2014. O tema do presente artigo situa-se no campo dos estudos das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, o que supõe, junto com a matemática, uma das aprendizagens fundamentais da educação básica. Com o desenvolvimento de pesquisas nessa área é possível criar uma variedade de instrumentos de avaliação e intervenção, e consequentemente realizar um trabalho preventivo nas etapas iniciais de aprendizagem na área da linguagem (MÜLLER, 2012).

Para a realização deste trabalho foi utilizado o estudo de caso (YIN, 2005) como estratégia de pesquisa. A partir dos estudos realizados ao longo do curso de *Especialização em Psicopedagogia e TICs na modalidade à distância* verificamos a necessidade da compreensão das relações entre o desenvolvimento cognitivo, as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação para ampliar a aprendizagem. Tínhamos como objetivo analisar qual o efeito de uma intervenção psicopedagógica realizada com um aluno do ensino fundamental com dificuldades na leitura e na escrita, utilizando as TICs como o instrumento principal de intervenção. De acordo com Rubinstein (1991) o objetivo de uma intervenção psicopedagógica é contribuir para que o estudante com dificuldade de aprendizagem consiga ser um protagonista, tanto na instituição escolar, quanto na vida diária.

A Psicopedagogia tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem do ser humano e o uso das TICs poderá ser um valioso recurso para aperfeiçoar o processo diagnóstico. O psicopedagogo pode usar esse recurso tanto na clínica quanto na instituição escolar. Sendo assim, a hipótese levantada para esta pesquisa foi verificar se o uso das TICs poderia ser um instrumento eficaz na intervenção psicopedagógica em um aluno com dificuldades na leitura e na escrita.

A seguir apresentaremos, numa primeira parte, uma breve revisão teórica referente à importância do trabalho psicopedagógico, às dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, e uso das TICs como recurso de ensino e aprendizagem. Numa segunda parte, teremos a apresentação do caso, queixa, entrevistas, desenvolvimento da intervenção psicopedagógica, resultados, discussões e conclusões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO

A Psicopedagogia é uma área que trata dos fatores de aprendizagem e os problemas que estão ocorrendo, desde que não envolvam questões relacionadas ao orgânico. Diante disso, a função do psicopedagogo é ajudar os professores a descobrir outras maneiras para melhorar o processo de aprendizagem dos alunos. A função do psicopedagogo não é fazer reforço escolar. Para Scoz (2004) a Psicopedagogia é a área mais indicada para atender crianças com problemas de aprendizagem. Mas quando se fala em trabalho psicopedagógico não podemos deixar de enfatizar a questão interdisciplinar. Como bem lembra Bossa (2007, p. 19-20) a Psicopedagogia, “como área de atuação antecede o *status* de área de estudos, a qual tem procurado sistematizar um corpo teórico próprio, definir o seu objeto de estudo, delimitar o seu campo de atuação; para isso, recorre à psicologia, psicanálise, linguística, fonoaudiologia, medicina e pedagogia.” Desta forma, o trabalho psicopedagógico poderá ajudar o aluno na sua produção escolar e para além dela. Ou seja, poderá ajudar o aluno no momento em que ele se defrontar com as dificuldades de uma tarefa, com seus bloqueios, sentimentos de angústias, vínculos com as pessoas, e etc.

Masini (2006) lembra os pioneiros da Psicopedagogia e ressalta que ainda hoje não há consenso em relação às fronteiras de estudos. No entanto, não há dúvidas entre os profissionais, que a Psicopedagogia é a área que estuda o processo de aprendizagem e seus bloqueios. Conforme destaca Fernández, citada por Oliva (2008), antes de falar sobre as dificuldades é preciso falar sobre as capacidades e possibilidades. Só assim será possível tratar dos problemas e depois evitar que eles apareçam. Para a pesquisadora todo o aprender é problemático, pois inclui no mínimo três sujeitos, o “aprendente”, o “ensinante” e o sujeito social. Então, se a aprendizagem ocorre de acordo com o ambiente, as dificuldades de aprendizagem ocorrem no ambiente familiar e/ou escolar. Ao ser questionada de como o meio pode interferir nos problemas de aprendizagem, Fernández, citada por Oliva (2008), esclarece que primeiro é necessário fazer uma distinção entre as palavras: *intervir* e *interferir* - inter-vir (vir “entre”) e inter-ferir (ferir “entre). Esse esclarecimento é importante para entendermos que o meio sempre irá intervir, mas em alguns momentos poderá interferir de forma negativa na aprendizagem. A tarefa do psicopedagogo é intervir no processo de ensino e aprendizagem e não deixar que haja interferência (negativa) do meio. A intervenção psicopedagógica poderá ocorrer tanto na escola, quanto na clínica conforme destaca Vercelli (2012).

Como já salientado, é importante que a área da Psicopedagogia tenha clareza da delimitação do seu objeto de estudo e da sua especificidade. Mas para isso é necessário maior aprofundamento teórico, análise de pesquisas, trabalhos psicopedagógicos, análise do baixo desempenho de alunos nas avaliações, formação do profissional de Psicopedagogia e etc.

2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA

A literatura mostra que nos últimos anos, o número de crianças identificadas com dificuldades de aprendizagem cresceu muito e as preocupações sobre os métodos utilizados para a identificação destes alunos também. Em virtude disso, têm sido desenvolvidos diversos estudos propondo modelos de intervenção para crianças com dificuldades de aprendizagem. Um exemplo desses modelos de intervenção é descrito por Swanson (1999) em que é possível

desenvolver com essas crianças um ensino direto combinado com ensino de estratégias e obter efeitos significativos nos alunos.

Para Corso (2008) as dificuldades de aprendizagem não podem ser entendidas a partir de um único fator: professor, métodos, recursos, escola ou sistema, pois elas podem estar em vários destes fatores ao mesmo tempo. Moojen (1999) complementa dizendo que as dificuldades de aprendizagem significam o resultado de um baixo rendimento escolar em consequência de diversos fatores isolados, ou em interação, como: falta de interesse e motivação, perturbação emocional, inadequação metodológica ou mudança no padrão de exigência da escola.

Paim (1989, p. 28) considera o problema de aprendizagem como um sintoma, ou seja, “... o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação.” Para Golbert e Moojen (1996) muitas crianças apresentam dificuldades na aquisição e no domínio da relação grafema/fonema, na compreensão dos significados do texto escrito e na fluidez da leitura. De acordo com as pesquisadoras, essas dificuldades podem estar relacionadas com duas etapas principais: aquisição e desenvolvimento. A primeira etapa pode estar relacionada com dificuldades ocorridas na alfabetização, ou seja, descoberta e generalização de letras e sons. A segunda etapa pode estar relacionada com uma:

[...]ruptura no padrão qualitativo da leitura: o aluno perde a fluência, repete sílabas e palavras, vacila, comete falhas na decodificação, omitindo, acrescentando e/ou substituindo palavras. Além disso, demonstra sinais de tensão e, até mesmo, de desconforto físico. Evidentemente, a compreensão fica comprometida. Frequentemente, tais crianças dizem que não gostam de ler, quando, na verdade, elas não apresentam as habilidades requeridas para obter a satisfação que a leitura pode proporcionar. (GOLBERT; MOOJEN, 1996, p. 101)

As pesquisadoras ressaltam ainda, que as dificuldades na leitura também podem ser resultados do uso de metodologias inadequadas e mecanicistas sobre as relações entre letra e sons e por esse motivo não despertam interesse da criança pela leitura.

Assim como a leitura, a aquisição da escrita também envolve habilidades complexas. Na escola são exigidos que os alunos produzam textos coerentes, criativos, gramaticalmente e ortograficamente corretos. No entanto, nem sempre as práticas escolares respeitam os erros naturais do processo de aprendizagem. Golbert e Moojen (1996, p. 102) ressaltam que com isso “[...] tiram do aluno o interesse pela comunicação escrita, assim como as práticas mecanicistas impedem que a criança descubra as verdadeiras funções e usos da língua escrita”.

Moojen e França (2006) ainda lembram das dificuldades de aprendizagem evolutivas. Tais dificuldades são passageiras e podem estar relacionadas com uma metodologia de ensino inadequada, falta de assiduidade e problemas pessoais ou familiares temporários. Essas dificuldades tendem a regredir com maior esforço do aluno ou ajuda pedagógica.

Conforme destaca Ferreiro (1992, p. 20-21) “a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso.” Apesar dos múltiplos objetos sociais que são portadores de escrita nem sempre os alunos são motivados a conhecê-los mais de perto. Ou seja, os alunos tomam contato com diferentes portadores de escrita no seu cotidiano, como por exemplo, jornais, revistas, embalagens de produtos comestíveis, manuais de instruções, cartazes na rua, etc., no entanto, a escola não faz a conexão com os conteúdos formais. Os alunos copiam, mas essa cópia é cansativa e não tem significado para eles. Ferreiro (1992, p. 21) ressalta que a escola se tornou uma guardiã da linguagem escrita e “solicita do sujeito em processo de aprendizagem uma atitude de respeito cego diante desse objeto [...]. O aprendiz deve respeitar cuidadosamente a forma das letras e reproduzi-las seguindo um traçado imposto.” Ao invés de fazer cópias, os alunos deveriam ser motivados a conhecer e manusear

diferentes e diversos portadores de escrita. Assim, teríamos alunos mais criativos, seriam autores de suas próprias produções, arriscariam mais, teriam força argumentativa, etc.

2.3 O USO DO COMPUTADOR COMO RECURSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Atualmente muitos estudantes usam com frequência o celular, o computador e a internet. Baixam músicas, filmes, jogos, usam redes sociais, ferramentas de bate papo, publicam vídeos, etc. sendo exemplos *Facebook, Whatsapp, You Tube, Twitter*. No entanto, a maior parte dos acessos são realizados fora da escola. Em muitas instituições de ensino esses recursos não são usados como instrumentos de ensino e aprendizagem.¹ Valente (1999) ressalta a importância das TICs na educação como uma ferramenta de complementação, aperfeiçoamento e possível mudança na qualidade do ensino. O uso adequado das TICs possibilita a criação de condições para os estudantes exercitarem a capacidade de procurar e selecionar informações, resolver problemas e aprender de forma autônoma.

Scattone e Masini (2007) descrevem uma experiência realizada com alunos do 4º ano do ensino fundamental sobre a importância do trabalho com softwares educativos para o enriquecimento do processo ensino e aprendizagem. Muitos alunos chegavam ao consultório de Psicopedagogia com queixas de dificuldades de aprendizagens escolares. No entanto, durante a intervenção psicopedagógica, quando solicitados a expor produções ou realizar tarefas, os alunos apresentavam uma resistência ao ato de aprender. As pesquisadoras observavam que tais alunos estavam “desmotivados, com baixa auto-estima e autoconfiança, e apresentando má disposição generalizada ou específica em relação aos conteúdos escolares.” Elas também verificaram que, enquanto os estudantes “se preocupavam em evitar o erro a disponibilidade para o processo ensino-aprendizagem ficava prejudicada.” (SCATTONE; MASINI, 2007, p. 241).

A partir dessas dificuldades, as autoras realizaram uma pesquisa com quinze alunos com idades entre 10 e 12 anos de uma escola particular de São Paulo. O estudo tinha como objetivo verificar como os alunos encaravam o aprender diante do computador e que sentimentos seriam mobilizados. Para o desenvolvimento da pesquisa foram criados softwares educativos como recurso psicopedagógico interativo. Os resultados apontaram que o recurso utilizado contribuiu para melhorar o interesse e a motivação dos alunos para a aprendizagem.

Como já ressaltado, muitos estudantes usam a tecnologia fora da escola, enquanto isso, os laboratórios escolares não são usados para qualificar a aprendizagem. Demo (2012, p. 14) aponta a falta de capacitação dos professores para trabalhar com os alunos nos laboratórios de informática da escola. Nas suas palavras: “Não nos demos conta de que, para o aluno aprender com computador e internet, precisa, antes, que seu professor saiba resolver essa charada”.

Nevado (2004) ressalta a importância da formação de professores em ambientes virtuais de aprendizagem. Para a pesquisadora, o processo de formação continuada permite condições para que o professor construa conhecimento. Desta forma, “a formação de professores precisa ser realizada a partir da sua experiência de vida profissional, para que ele possa conservar tudo o que lhe parece válido e passe a incorporar a inovação buscando assim transformar sua prática de modo significativo” (NEVADO, 2004, p. 79). Isso nos mostra que é preciso formar os professores do mesmo modo que se espera que eles atuem. A formação de professores sinaliza para uma organização curricular inovadora que, ao ultrapassar a forma tradicional de organização curricular, estabelece novas relações entre a teoria e a prática.

A partir do que foi apresentado é possível utilizar as TICs como instrumento de intervenção psicopedagógica. Macedo (2002) ressalta que na visão construtivista a melhor

¹ Na escola são realizados acessos formais. Mas os alunos usam muito mais de forma escondida.

intervenção é aquela que coloca desafios a serem superados. Para Becker (2009) o objetivo da aprendizagem escolar é aumentar a capacidade de aprender. Aprender é aumentar nossa capacidade de transformar o mundo e, conseqüentemente, transformar nós mesmos. Por isso é importante que o aluno seja desafiado, que invente, reinvente, para que possa produzir conhecimento.

Tendo como referência esta fundamentação teórica, a seguir apresentaremos o método de pesquisa, o caso e o desenvolvimento da intervenção psicopedagógica. Por fim, serão apresentadas as conclusões.

3. MÉTODO DE PESQUISA

O objetivo deste item é fazer uma descrição do percurso realizado durante a pesquisa. Serão apresentadas as bases da construção metodológica, envolvendo tipo de pesquisa, problema, objetivo, hipótese e amostra. Na sequência, são descritos os procedimentos, os instrumentos de avaliação e atividades de intervenção.

Na literatura encontramos diversos estudos que orientam a construção de uma pesquisa. Para realização deste trabalho foi utilizado o estudo de caso como estratégia de pesquisa e os dados foram analisados qualitativamente. Minayo (2007) destaca que a investigação qualitativa exige que o pesquisador tenha abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação com os participantes.

Laville e Dionne (1999, p. 155) ressaltam que para desenvolver um estudo de caso é preciso selecionar e examinar um caso particular em profundidade. Mas esse caso terá que ser representativo de outros casos e dificilmente suas conclusões poderão ser generalizadas. Assim como Laville e Dionne (1999), Alves-Mazzotti (2006), Yin (2005) e Duarte (2008) também afirmam que o estudo de caso é constantemente criticado. O fato é que muitos desses estudos apresentados não podem ser considerados *estudos de caso*, pois não respeitam todos os passos necessários. De acordo com Yin (2005) numa pesquisa de estudo de caso poderá ter estudos de caso único ou de casos múltiplos. Nesta pesquisa foi realizado um estudo de caso único.

O problema de pesquisa foi organizado da seguinte forma: Qual o efeito de uma prática pedagógica realizada com um aluno do 4º ano do ensino fundamental com dificuldades na leitura e na escrita, utilizando as TICs como instrumento principal de intervenção?

O objetivo geral desta pesquisa: fazer uma análise dos efeitos de uma prática psicopedagógica com um aluno do 4º ano do ensino fundamental com dificuldades na leitura e na escrita tendo como instrumento principal as TICs.

Hipótese do trabalho: verificar se o uso das TICs é um instrumento eficaz na intervenção psicopedagógica com um aluno com dificuldades na leitura e escrita.

Para que o aluno pudesse participar da pesquisa foi solicitada a autorização por escrito dos pais através do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os procedimentos da coleta de dados foram divididos em três etapas distintas, ou seja, observações e entrevistas, prática psicopedagógica, resultados e discussão dos dados.

3.1 BREVE APRESENTAÇÃO DO CASO E QUEIXA

O estudo de caso foi realizado com o menino Ian² de nove anos de idade, estudante do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre – RS. Ele é filho único de pais separados que possuem a guarda compartilhada.

A mãe de Ian me procurou no início do mês de janeiro de 2014 dizendo que seu filho apresentava dificuldades em Português e que precisava de uma professora para ajudá-lo. De

² O nome do aluno será preservado. Ian é um nome fictício.

acordo com a mãe, Ian estudou em escola particular do 1º ano até o 3º ano do ensino fundamental e sempre ficou no turno integral. No entanto, a família estava passando por dificuldades financeiras e o filho seria transferido para uma escola pública. A mãe relatou que no final do ano de 2013 o filho tinha passado do 3º para o 4º ano, mas a professora tinha sugerido que ele estudasse durante as férias para entrar “mais forte” no próximo ano. A mãe estava surpresa e ao mesmo tempo desesperada, pois não tinha observado que o filho estava com dificuldades em Português. De acordo com ela *o ano foi passando e eu não vi, só no final do ano é que a professora apontou a dificuldade que Ian tinha em Português*. A mãe disse que até tentou estudar com Ian, mas não deu certo em função de brigas e de sua falta de paciência com o filho. Relatou também que ele era preguiçoso, não se interessava pelo estudo, era demorado para fazer temas e perdia os materiais. O pai de Ian concordava em parte com a mãe, mas ressaltou que o filho era atencioso, habilidoso, gostava de ouvir histórias, assistir filmes e brincar com jogos e que não via ele como preguiçoso.

Após conversa com os pais ficou acertado que eu realizaria uma avaliação do desempenho escolar de Ian e após iniciáramos uma intervenção com o objetivo de melhorar suas dificuldades na leitura e na escrita.

3.2 DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

3.2.1 Observações e entrevistas

Anamnese com os pais:

A anamnese foi realizada na casa da mãe de Ian e o pai também estava presente. Para organização da entrevista utilizei como referência o texto de Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006) e de Weiss (1987). A mãe tinha 34 anos, ensino médio completo e trabalhava no comércio. O Pai tinha 38 anos estava tentando vestibular para Educação Física e na ocasião estava desempregado e fazia serviços de tele-entrega. Quanto aos antecedentes maternos a mãe afirmou que teve Ian com 25 anos, a gestação foi tranquila e não apresentou problemas de saúde. Foi a primeira gestação, não foi planejada, mas foi aceita após confirmação. O parto foi cesárea, pois não tinha dilatação necessária. Quanto ao desenvolvimento neuropsicomotor a mãe relatou que Ian caminhou em torno de um ano e no mesmo período começou a falar palavras. O controle esfinteriano demorou a ser feito. Com relação ao grau de independência nas atividades da vida diária os pais relataram que ainda ajudam o filho a vestir-se, tomar banho, organizar os objetos pessoais e o quarto. O pai relatou que a mãe não é muito organizada e isso ajuda na desorganização do filho. O casal está separado há quatro anos, mas o pai está sempre na casa da mãe e vice-versa. As brigas eram inevitáveis, deixando o filho triste. Ian ficava alguns dias da semana com o pai e outros dias na casa da mãe, mas como não eram dias fixos até os pais se atrapalhavam.

Entrevista com o aluno:

O trabalho foi realizado ao longo do ano de 2014 na casa do menino³, com dois encontros semanais. Inicialmente, o menino se mostrou um pouco assustado, pois já tinha tido uma professora particular e não se adaptou. Durante a entrevista, Ian disse que não sabia ler direito e isso o deixava angustiado e com muita vergonha na frente dos colegas. Por esse motivo, gostava mais de matemática ressaltando: *eu sou bom em matemática e também gosto de jogos*. Da primeira escola lembra somente dos amigos e que era muito quieto na sala. Na escola atual foi muito bem acolhido pela professora e colegas. Brinca no recreio, “fala” muito

³ Na semana que Ian estava na casa da mãe os encontros também eram. Quando Ian estava na casa do pai, os encontros eram na casa do pai.

na sala de aula e a professora já chamava atenção. Comentou que não usava as TICs na escola e nem em casa, mas gostaria de aprender, pois tinha curiosidade de conhecer alguns “joguinhos” que os colegas jogam. Sabia que a mãe tinha Facebook e e-mail para conversar com os amigos e familiares. Não entendia como o uso das TICs poderia ajudar a melhorar a leitura e a escrita. Além disso, Ian comentou sobre a falta de paciência e das reclamações da mãe diante de suas dificuldades e como se sentia mal com isso. Também observei o quanto o menino era carente de carinho e atenção e sentia a falta da mãe, pois ela trabalhava o dia inteiro.

Entrevista com a professora:

A professora foi muito gentil em agendar uma entrevista. Como o tempo era muito curto a conversa foi na hora do intervalo. Ela relatou que a turma era composta por 24 alunos bem agitados e exigentes. Faz planejamento das aulas e tem autonomia no seu trabalho. Algumas vezes utiliza os recursos e espaços da escola, como por exemplo, leituras na biblioteca e retirada de livros, leva os alunos para a sala de vídeo para assistir alguns documentários ou filmes. Costumava fazer reuniões individuais com os pais quando observava que os filhos estavam apresentando alguma dificuldade. As avaliações eram realizadas através de provas, trabalhos e observações. Relatou que Ian era um aluno muito querido que se adaptou muito bem na escola e na turma. No entanto, apresentava muitas dificuldades na leitura e na escrita. A letra era ilegível, não conseguia copiar do quadro, se distraía com facilidade, apresentava certa lentidão para copiar e resolver as tarefas. Ela já tinha chamado os pais e solicitado acompanhamento pedagógico fora da escola. Pois, caso contrário, ele não conseguiria acompanhar a turma. Ela não usava o laboratório de informática, pois a conexão era ruim, alguns computadores estavam estragados e ela não se sentia segura o suficiente para acompanhar os alunos, pois não tinha professora de informática. Usava muito o livro didático e o quadro.

3.2.2 Avaliação e prática psicopedagógica

Após as entrevistas foi realizado contato com ambiente de estudo de Ian e revisão dos materiais do ano anterior (cadernos e livros). Foi realizada *Sessão lúdica diagnóstica* tendo como base o texto de Weiss (1992). Foi possível observar a relação do menino com os diferentes e diversos materiais apresentados. Ian ficou encantado com a proposta, manuseou a maioria dos materiais apresentados, no entanto, separou para brincar todos os objetos que não tinham portadores de texto. Durante o período de avaliação foram feitas diversas atividades envolvendo leituras de livros com pequenos textos, discussões sobre a leitura, escrita de palavras e frases, jogos matemáticos, jogos de construção e encaixe, e desenhos. Além disso, foi necessário organizar espaço para estudo (organização de materiais, mesa, brinquedos, etc) e organização de um calendário com dias e horários das aulas. Os resultados das avaliações mostraram que as dificuldades de Ian estavam relacionadas à leitura, que não era fluente, e a escrita.

Para Rubinstein (1991, p. 105) o desenvolvimento da intervenção vai depender da “demanda do cliente e da escuta do terapeuta psicopedagogo que deverá buscar no seu trabalho formas criativas e inéditas para lidar com os sintomas”. Assim, as intervenções foram organizadas a partir das dificuldades observadas no processo diagnóstico. Esclarecemos que o trabalho com Ian foi realizado durante todo o ano de 2014, mas para este trabalho foram considerados os quatro encontros destinados à avaliação e mais às atividades estruturadas e desenvolvidas em 10 encontros de 50 minutos, uma vez por semana. Ainda vale salientar que além das atividades para o estudo de caso, foi dada continuidade aos estudos para provas, temas e organização de cadernos num outro dia da semana.

Dentre as várias noções e habilidades que mereciam atenção, foram priorizadas atividades como: leitura de textos simples e interpretação; escrita de palavras, frases e pequenos textos; trabalhos com o alfabeto; diversos tipos de jogos de tabuleiro e online. No quadro 1 será apresentada a descrição das sessões realizadas com Ian.

Sessões	Descrição das Sessões
	As primeiras sessões tiveram como objetivo a realização de atividades para resgatar a autoestima de Ian. Os jogos desenvolvidos ao longo das sessões ajudaram na organização, raciocínio, atenção, agilidade e divertimento.
1	Desenho e ilustração do seu nome e de sua família. Realização de um acróstico com o seu nome. Uso de letras móveis para escrita dos nomes das pessoas da família e dos amigos. Pesquisa com os pais para descobrir a origem de seu nome.
2	Descrição da história do nome: o que significa, quem o escolheu, por quem foi escolhido. Início da organização de uma história em quadrinhos contando a história do nome.
3	Finalização da história em quadrinhos, uso do computador: jogos online Cover Orange 2 e sopa de letrinhas (Escola Game) e desenhos no programa Paint.
4	Retomada das sessões anteriores. Jogo das Palavras (Clubinho – Faber Castel) online.
	As sessões 5, 6 e 7 tiveram como objetivo a leitura de textos simples e interpretação, escrita de palavras, frases e pequenos textos; atividades com o alfabeto, uso do computador.
5	Atividades com alfabeto móvel e online, escrita de palavras com letras móveis, desenhos, dominó de palavras e figuras.
6	Atividades com o livro: Diário de um Banana: faça você mesmo (JEFF KINNEY). Leitura, interpretação oral e escrita, desenho livre e Jogo Cover Orange 2.
7	Retomada das sessões anteriores. Jogos online: Cover Orange 2 e Ordenação de frases da Turma da Mônica.
	As sessões 8, 9 e 10 tiveram como objetivo leitura, escrita, uso de letra maiúscula e minúscula e sinais de pontuação, atividades com jogos no computador.
8	Atividades com livros da coleção Lelé da Cuca da Editora Ática. Leitura, interpretação oral e escrita e desenhos da história.
9	Jogo online: Minecraft, entendimento do jogo, busca autônoma de informações, escrita sobre o jogo.
10	Retomada das sessões anteriores. Jogo online: Minecraft e Cover Orange 2.

Quadro 1 – roteiro das sessões

Após a apresentação do desenvolvimento do trabalho serão apresentados os resultados da intervenção psicopedagógica, discussão dos dados e conclusões finais do estudo de caso.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao longo do desenvolvimento da intervenção psicopedagógica foi possível verificar que Ian apresentava facilidades para entender as ordens dos exercícios, rapidez de raciocínio e fazia relações com outros conteúdos. Falava muito bem sobre filmes, desenhos animados, passeios, etc. Além disso, mantinha a atenção focada durante as atividades e se mostrava prestativo e interessado. Como forma de organização e para observarmos a evolução de Ian, os resultados serão apresentados em três momentos: antes, durante e após a intervenção psicopedagógica.

a) **Antes da intervenção:** Ian apresentava muitas dificuldades na leitura, se atrapalhava com o nome das letras, o traçado da letra cursiva era ruim e não entendia o que escrevia. Com isso,

sua interpretação de textos e histórias matemáticas ficava prejudicada. Os cadernos eram desorganizados, perdia seus materiais com frequência e todas as semanas vinham muitos bilhetes da professora reclamando que o aluno não conseguia copiar tudo, precisava melhorar a letra e fazer temas de casa. Os bilhetes deixavam a mãe furiosa e com isso havia muitas brigas em casa. Esse quadro ainda era agravado pela baixa autoestima, Ian ficava na frente da TV comendo guloseimas e isso fazia com que aumentasse de peso.

b) **Durante a intervenção – 10 sessões:** já foi possível verificar evoluções em relação à leitura, o aluno já conseguia identificar as palavras com mais facilidade, pois só se atrapalhava com palavras desconhecidas. Decidiu sozinho que iria trocar de letra, passou a escrever com letra bastão, pois assim poderia escrever mais rápido. Aprendeu a lidar com o computador e realizava com prazer as atividades, acessava a internet, lia pequenos textos e procurava informações sobre filmes que já tinha visto no cinema. Ainda apresentava dificuldades para leituras das palavras e instruções dos jogos de mesa e online. Na escrita, algumas palavras ainda continuavam ilegíveis e ocorriam omissões de letras. Já era possível observar melhora na interpretação de textos e histórias matemáticas. Os cadernos estavam um pouco mais organizados, os bilhetes da professora já tinham diminuído, mas ela ainda dizia que Ian precisava melhorar a letra e fazer os temas de casa.

c) **Após a intervenção:** Ian apresentava mais facilidade na leitura e na interpretação. Conseguiu evoluir bastante, mas ainda precisava melhorar a letra, pois quando escrevia rápido ela ficava ilegível. Os cadernos estavam bem mais organizados, na maioria das vezes, conseguia copiar tudo do quadro, não recebeu mais bilhetes da professora. Passou a tirar boas notas nas provas. Deu continuidade às atividades no computador e passou a ver que o uso da tecnologia podia ajudar a melhorar a aprendizagem.

Tendo como base a fundamentação teórica e os resultados obtidos por Ian é possível levantarmos duas questões fundamentais: será que o aluno apresentava um problema de aprendizagem ou um problema de ensino? Como já ressaltado anteriormente, Corso (2008) e Moojen (1999) afirmam que as dificuldades de aprendizagem não podem ser entendidas a partir de um único fator, pois elas podem estar em vários fatores ao mesmo tempo. Assim com as pesquisadoras acima, Paim (1989, p. 28) considera o problema de aprendizagem como um sintoma lembrando que “[...] o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação.” A causa desse sintoma não deriva de um único fator, mas de vários fatores, como por exemplo, orgânicos, específicos, ambientais e psicógenos. Para fazer avaliação de um sintoma é necessário “[...] entendê-lo como um estado particular de um sistema que, para equilibrar-se, precisou adotar este tipo de comportamento que mereceria um nome positivo, mas que caracterizamos como não-aprendizagem”. A pesquisadora esclarece que a não-aprendizagem não configura como sendo o contrário de aprender e exemplifica dizendo que muitas crianças conservam o carinho dos pais através de uma boa aprendizagem, mas que existem crianças que a única maneira de contar com esse carinho é não aprendendo.

A partir do relato dos pais podemos pensar que um primeiro fator envolvido poderia ser a questão emocional pela falta que Ian sentia da mãe. Mesmo não gostando das brigas era o momento de ser olhado, de chamar atenção. Fernandez (1991) lembra que o corpo manifesta a história emocional do indivíduo. Essa história vai sendo construída a partir das relações iniciais que são estabelecidas entre a criança e os pais ou cuidadores durante o desenvolvimento. Sendo assim, podemos dizer que se os pais constroem um ambiente saudável, motivador, desafiador, os filhos poderão crescer de forma criativa, caso contrário, poderá ocorrer um empobrecimento nas suas relações com o conhecimento.

Com o andamento do trabalho foi possível verificar que Ian pertence à classe média baixa e possui materiais adequados para a escola, tem acesso a lugares de lazer e meios de

comunicação. No entanto, faltava o cuidado e orientação dos pais em relação ao uso dos materiais, organização da casa e do quarto, das roupas, alimentação, etc. Lembro que a mãe não tinha paciência para estudar, ler e brincar com o filho e isso era o que ele mais desejava. Ressaltamos, que aos poucos, foi possível fazer sugestões aos pais de Ian. Como por exemplo, nas duas casas (do pai e da mãe) o quarto do menino foi limpo e pintado, foi organizado um local claro para estudo com mesa, cadeira e materiais escolares de uso diário. Além disso, como Ian estava acima do peso e ficava na frente da televisão comendo guloseimas, aos poucos, passou a andar de bicicleta com o pai. A mãe conseguiu com que Ian fizesse tratamento com um nutricionista. Observei que toda a família se envolveu para melhorar a alimentação. Isso ocorreu num período em que eu estava estudando com Ian para trabalhos e provas de Ciência em que o conteúdo era saúde e alimentação.

Em relação às dificuldades na leitura e na escrita, foi possível verificar que com o desenvolvimento da intervenção psicopedagógica Ian apresentou evoluções. Passou a ler pequenos textos em livros e no computador, lia as instruções dos jogos online, gostava de escutar histórias, de criar histórias em quadrinhos, melhorou a grafia das letras. Golbert e Moojen (1996) afirmam que muitas crianças apresentam dificuldades na aquisição e no domínio da relação grafema/fonema, na compreensão dos significados do texto escrito e na fluidez da leitura. Para as pesquisadoras, essas dificuldades podem estar relacionadas com duas etapas principais: aquisição e desenvolvimento. Pode ser que Ian tenha tido dificuldades nas duas etapas e isso teve reflexo ao longo da escolaridade.

Antes da intervenção o menino sempre recusava leituras, escritas, jogos envolvendo letras e palavras, mostrava-se tenso e mudava de assunto. Golbert e Moojen (1996, p. 101) salientam que “tais crianças dizem que não gostam de ler, quando, na verdade, elas não apresentam as habilidades requeridas para obter a satisfação que a leitura pode proporcionar.” Com o desenvolvimento da intervenção foi possível verificar que Ian, ao adquirir tais habilidades, passou a relaxar durante os encontros e isso era visível no corpo e nas expressões faciais. Já conseguia realizar atividades de leitura e escrita, tanto no papel, quanto no computador, com prazer e entusiasmo.

Um segundo fator que poderia estar causando a dificuldade de leitura e escrita em Ian é a questão da metodologia. Golbert e Moojen (1996, p. 102) afirmam que assim como a leitura, a aquisição da escrita também envolve habilidades complexas. Nem sempre as práticas escolares respeitam os erros naturais do processo de aprendizagem. Com isso “[...]tiram do aluno o interesse pela comunicação escrita, assim como as práticas mecanicistas impedem que a criança descubra as verdadeiras funções e usos da língua escrita”. Isso foi observado na prática diária no início da intervenção Ian não queria escrever, pois sabia que escrevia errado. Ficava muito magoado, pois a professora sempre riscava as palavras com grafia errada. Para ele era um esforço enorme conseguir copiar e ainda estava errado. Na escola Ian precisava fazer muitas cópias do quadro e inclusive em casa os temas eram cópias enormes e sem significado do livro didático. Isso causava um desgaste muito grande sem contar com desmotivação e as brigas da mãe.

Com o desenvolvimento do estudo de caso foi possível verificar que, com a mudança de escola e o acompanhamento pedagógico realizado, Ian foi aos poucos mostrando evoluções no processo de aprendizagem. A partir do que foi descrito poderia ser que Ian apresentasse uma dificuldade de aprendizagem evolutiva. Para Moojen e França (2006) as dificuldades de aprendizagem evolutivas são dificuldades passageiras, relacionadas com uma metodologia de ensino inadequada, falta de assiduidade e problemas pessoais ou familiares temporários. Tais dificuldades tendem a regredir com maior esforço do aluno ou ajuda pedagógica. Aos poucos, foi possível verificar uma melhora na organização e hábitos familiares e isso refletiu diretamente na aprendizagem Ian. Na escola o menino ficou mais motivado e sempre queria

refazer as provas, mesmo que não tivesse ficado em recuperação, pois queria tirar uma nota melhor.

Na entrevista com a professora foi possível verificar que ela não utilizava as TICs como instrumento de ensino e aprendizagem. Isso vem ao encontro com o que Demo (2012) fala sobre a falta de capacitação de professores para trabalhar no laboratório de informática. Por isso a necessidade de uma formação continuada em ambientes virtuais de aprendizagem criando condições para que o professor construa conhecimento conforme ressaltado por Nevado (2004).

Também foi observado que a família de Ian só tinha um computador notebook e o menino não tinha o hábito de usar. Preferia ver desenhos e filmes na televisão e algumas vezes no cinema. Ian também não possuía telefone celular. No entanto, durante a intervenção pedagógica foram usados o computador e o acesso à internet. Como Ian tinha pouco conhecimento prévio em relação à funcionalidade do computador, antes de propor as atividades, foi necessário fazer uma exploração livre, como por exemplo, posição das letras no teclado, ligar e desligar, organização de uma pasta na área de trabalho para guardar atividades, como abrir um novo documento para escrita, acessar à internet para procurar jogos, etc. Após a finalização do estudo de caso a situação financeira da família melhorou e Ian ganhou de aniversário um tablet e um celular. Isso contribuiu para ampliar ainda mais a motivação para aprendizagem.

No início do uso do computador Ian não tinha coordenação motora, antecipação e rapidez, não conseguia ler as instruções dos jogos e isso o deixava angustiado e em vários momentos queria desistir diante das dificuldades. Foi possível observar que tais atitudes foram sendo modificadas com o desenvolvimento da intervenção com o uso das TCIs. Com o uso frequente das TCIs, Ian passou a ter mais paciência nos jogos. Se divertiu muito experienciando o jogo Cover Orange 2 e Minecraft. Aos poucos, foi melhorando na coordenação motora, antecipação e rapidez. Desenvolveu habilidade com o mouse e no jogo da laranjinha (Cover Orange 2) conseguia colocar os obstáculos no lugar certo antes de chegar a chuva mortal. Tinha paciência para utilizar várias tentativas até acertar. Durante os jogos foi possível solicitar que Ian relatasse os passos a serem seguidos em cada etapa, bem como a decrição do ambiente.

Além disso, Ian já conseguia lidar bem com as atividades online que abordavam a leitura e a escrita. Os resultados desta pesquisa corroboram com os dados de Scattone e Masini (2007). O uso das TCIs durante a intervenção psicopedagógica contribuiu para melhorar o interesse e a motivação de Ian em relação à leitura e à escrita. Inclusive ele não se constrangia com os erros cometidos e no final da pesquisa já refazia sem ser solicitado.

6. CONCLUSÕES

Neste item retomaremos o problema, o objetivo e hipótese que nortearam a pesquisa e apresentaremos as principais conclusões da intervenção psicopedagógica.

Nesta pesquisa tínhamos como objetivo fazer uma análise dos efeitos de uma prática psicopedagógica com um aluno do 4º ano do ensino fundamental com dificuldades na leitura e na escrita, tendo como instrumento principal o computador. Inicialmente foi realizada avaliação das dificuldades, desenvolvimento da intervenção psicopedagógica e, por fim a apresentação e discussão dos resultados.

O problema de pesquisa foi respondido e a hipótese confirmada. Os resultados da intervenção psicopedagógica realizada com o aluno Ian foram positivos. Portanto, o uso do das TCIs como instrumento de intervenção se mostrou eficaz.

Nossos resultados são consistentes e corroboram com pesquisas apresentadas na fundamentação teórica. No entanto, vão além, pois a maioria dos estudos não utiliza as TCIs

como instrumento de ensino e aprendizagem. Isso nos mostra que crianças como Ian são capazes, quando os espaços e equipamentos são orientados e disponibilizados para o uso. Então, se as TCIs forem utilizadas de forma adequada torna possível a criação de condições para que os alunos exercitem a capacidade de procurar e selecionar informações, resolver problemas, ter autonomia, etc.

Tendo em vista que o objeto de estudo da Psicopedagogia é o processo de aprendizagem do ser humano, as TICs podem ser utilizadas como recurso principal para aperfeiçoar o processo diagnóstico. Em algumas situações de aula, não acreditamos no potencial dos alunos, e esse sentimento inibe a solicitação de um grau de exigência maior. Poderia aproveitar o conhecimento de Ian para construir objetos animados, casas, praças, cidades e trabalhar com perímetro, área, formas geométricas, relações familiares, etc. Além disso, na sala de aula, esse aluno poderia ser monitor da professora nas aulas de informática para ajudar os colegas a trabalhar nas construções de objetos. Podemos acrescentar, ainda, a necessidade do professor ampliar esse conhecimento, fazendo diversas construções e reescrita de textos com os alunos. Esse tipo de trabalho fica muito mais divertido e produtivo com o uso adequado da tecnologia. Pois, além de produzir um texto, outras questões importantes estarão envolvidas, como por exemplo, trabalho em grupo, respeito pelas ideias dos colegas, colocar-se no lugar do outro, exposição, dificuldades e facilidades de cada um, planejamento, antecipação, continuidade, organização do texto (início, meio e fim) e etc. Sem contar que quando se escreve no computador pode-se apagar, escrever novamente, recortar, acrescentar, enfim, assim é possível discutir mais sobre o assunto e encontrar a melhor forma de organizar e produzir um texto. Ainda poderia ser feita uma escrita colaborativa com assuntos de interesse da turma ou criação de um blog colaborativo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim ressaltamos que foi um desafio o planejamento, a organização e execução deste estudo de caso. Vale ressaltar que os procedimentos adotados foram bem aproveitados e podem seguir de base para futuras pesquisas. Além disso, a combinação de ensino direto e ensino de estratégia contribuiu para a eficácia da intervenção psicopedagógica.

A partir dos resultados desta pesquisa e considerando as dificuldades enfrentadas por muitos alunos do ensino fundamental em relação à leitura e à escrita, torna-se necessário buscar uma melhor compreensão para tais dificuldades. Assim, o desenvolvimento de outros estudos de caso e até estudos de casos múltiplos utilizando as TCIS se faz necessário. A continuidade da pesquisa é fundamental para indicar como avançar nos processos de prevenção e de intervenção a fim de superar as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita.

8. REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, Dec. 2006.

BECKER, F. Aprendizagem e conhecimento escolar, 2009 (palestra)
http://www.youtube.com/watch?v=R_XTeXessII

BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2007

CORSO, L. V. **A Busca de Relações entre Dificuldades na Leitura e na Matemática: um estudo com alunos da 3ª a 5ª série do ensino fundamental**. Tese (Doutorado em Educação)

– Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DEMO, P. **Educação, Avaliação Qualitativa e Inovação – I** / Pedro Demo. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. 28 p. : il. – (Série Documental. Textos para Discussão

DUARTE, J. B. Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. **Rev. Lusófona de Educação** [online]. 2008, n.11 [citado 2013-12-21], pp. 113-132.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. Cortez Editora, São Paulo, 1992.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: ArtMed, 1991

GOLBERT, C; MOOJEN, S **Dificuldades na aprendizagem escolar**. In: O aluno problema, SUKIENNIK (org.), Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996.

Jogos Juvenis: <http://www.siteseducativos.com.br/jogos-juvenis.asp>

Jogos <http://www.jogosjogos.com/jogar-jogo/Cover-Orange-2.html>

Jogos <https://minecraft.net/>

LAVILLE; DIONNE (1999). **A construção do saber. Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed.

MACEDO, L DE. **A questão da inteligência: todos podem aprender?** Em Marta Kohl de Oliveira, Denise Trento R. Souza e Teresa Cristina Rego (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

MASINI, E. F. S. **Formação profissional em Psicopedagogia: embates e desafios**. 23(72): 248-59, 2006.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo, Editora Hucitec, 2007.

MOOJEN, S.; FRANÇA, M. **Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica**. IN: ROTA, N. T. *et al.* Transtornos da Aprendizagem: Abordagem neurobiológica e Multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed. 2006.

MOOJEN, S. **Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem?** In: RUBINSTEIN, E. (Org.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MÜLLER, G. C. **Dificuldades de Aprendizagem na Matemática: um estudo de intervenção pedagógica com alunos do 4º ano do ensino fundamental**. Porto Alegre: 2012. 186 f.: il. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2012.

NEVADO, R. A. Novos possíveis na formação de professores. In FRANCO (org.) **Informática na educação: estudos interdisciplinares**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

OLIVA L. Entrevista: Alicia Fernández **Revista Direcional Educador** - edição 43-agosto /2008

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ROTTA, N., OHLWEILER, L. e RIESGO, R. Capítulo 5. Semiologia neuropsiquiátrica. *In*: ROTTA, N., OHLWEILER, L. e RIESGO, R. **Transtornos da aprendizagem. Abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 65-70

RUBINSTEIN, E. **A intervenção psicopedagógica clínica**. In SCOZ, B. J. L. & col. *Psicopedagogia: contextualização formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

SCATTONE, C. e MASINI, E. F. S. **O software educativo no processo de ensino-aprendizagem: um estudo de opinião de alunos de uma quarta série do ensino fundamental**. *Rev. psicopedag.* [online]. 2007, vol.24, n.75, pp. 240-250. ISSN 0103-8486.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

SWANSON, H. L. Reading Research for Students with LD: A Meta-Analysis of Treatment Outcomes. *In: Journal of Learning Disabilities*, v. 32, n. 6, Nov/Dec 1999b, pp. 504-532

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do Computador na Educação** <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/tecnologia/0022.html> acesso em 08/01/2015

VALENTE, J. A. **O computador na sociedade do conhecimento** (org.) Campinas, SP:UNICAMP/NIED, 1999.

VERCELLI, L. de C. A. **O trabalho do psicopedagogo institucional**. Revista Espaço Acadêmico, nº 139, Dezembro de 2012, São Paulo.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica, Uma visão Diagnóstica** – Ed. Artes Médicas, Porto Alegre – 1992.

WEISS, Maria Lúcia L Considerações sobre a instrumentação do psicopedagogo no diagnóstico. *In*: SCOZ B. (org) **Psicopedagogia, o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.